

A CULTURA DA NOTA 7

Toda instituição de ensino tem uma nota mínima para aprovação dos alunos. Vamos imaginar que no colégio de seus filhos a nota de corte é o 7. Se no decorrer de um ano ele tirar essa nota em todas as provas com certeza será aprovado. Ao final de tantos anos de ensino tirando essa nota ele estará qualificado para prestar um vestibular. Se a nota mínima da Faculdade também for o 7 ao final de 4 ou 5 anos de curso – na maioria dos casos – ele será um bacharel em determinada área, garantindo ingresso em algum nicho profissional. Tudo isso tirando o 7. Poderíamos dizer que esse aluno foi um vitorioso nos estudos? Creio que não. Ele cumpriu a exigência mínima. Ele foi aprovado certamente. Mas a grande realidade é que ele foi um aluno nota 7. Não houve excelência em sua carreira acadêmica. Não houve superação do mínimo. Ele cumpriu as obrigações mas não se viu nele o brilho de alguém que vai além do mínimo.

Há muitos líderes nota 7. Eles cumprem seu papel, chegam à hora em seus compromissos, são dedicados em montar suas escalas, trabalham bastante e conseguem atingir vários objetivos. Falta-lhes, porém, a excelência. Não podemos dizer que tais líderes são irresponsáveis ou omissos. Mas também não podemos dizer que são excelentes. São líderes. Cumprem seu papel. Porém se acostumaram com o 7 e quem sabe não buscam mais o 10. Com isso eles vão criando uma ‘cultura do 7’ e seus liderados aos poucos compram a idéia transformando um ministério inteiro e exigindo apenas o mínimo indispensável para que as coisas não parem ou para que tudo caminhe pela estrada do razoável ou costumeiro.

O aluno nota 7 faz parte de uma cultura. Ele não é assim porque quis. Por certo alguém o ensinou. Talvez até nossa brasilidade tenha feito isso. Ou então uma cultura familiar. Ao tirar o primeiro 7 talvez tenha sido até elogiado pela família. No final de um ano tirando 7 seus pais olharam com mais nitidez para a palavra ‘aprovado’ do que para os sucessivos ‘7’ que estavam em seu boletim. Ele mesmo começou a olhar para o 7 com admiração. Podemos até enxergá-lo chegando em casa e declarando com toda a alegria: “Olhem minha nota, tirei um 7.” Mas, em outras palavras, o que a frase indicava é: ‘tirei o mínimo.’ Aprovação sem honra. Aprovação sem excelência. Quem se acostumou com a nota 7 com certeza recebeu algum tipo de incentivo. E depois de algum tempo fez da nota 7 e não da nota 10 seu objetivo de vida. Desse modo podemos dizer que ele não é o culpado sozinho. Há um contexto que exalta o mínimo e despreza o máximo.

Líderes nota 7 também tem um contexto. **Talvez essa seja a cultura da Igreja local.** Em meio ao estresse da cidade grande vamos exigindo cada vez menos dos nossos líderes. Temos medo de perdê-los, e aí entra aquela frase ‘infernal’ (perdoem-me pela veemência): “é melhor pouco do que nada.” Essa é uma frase típica da cultura do 7. Ele centraliza a atenção no pouco ou até no mínimo. Sequer sugere o máximo. Ou então o melhor. Se a cultura da Igreja é o 7 então teremos a inclinação para fazermos o mínimo e conseqüentemente nossos liderados também. **Além da Igreja local há o contexto das outras Igrejas, que acabam também ditando suas regras e modelos.** Há até o contexto denominacional. Já ouvi líderes abrirem um grande sorriso e comentarem: ‘mas se compararmos nossa Igreja com aquela da esquina então veremos que estamos fazendo muito.’ Esse é o tipo de comparação do líder nota 7. Ele olha

para quem está abaixo do 7 mas é incapaz de olhar para quem tem nota 10. Talvez isso o assuste. Incomode. E lhe dê a sensação de que 'não vai ser aprovado.' E não vai mesmo! Pelo menos por Deus não irá. 'Não oferecemos sobras ao rei,' já dizia Spurgeon em um de seus clássicos sermões. Precisamos dar o máximo e não o mínimo. O melhor e não o razoável. **Mas existe ainda a cultura dos liderados.** Alguns deles são nota 7 em tudo na vida e é difícil encararem a realidade de que na Igreja as coisas devam ser diferentes. Eles não apenas se acostumaram ao 7 mas fizeram dele um estilo de vida. Quando confrontados logo dizem: 'é isso que eu posso fazer.' Em outras palavras: 'contente-se com meu 7. Não darei mais do que isso.' Se estivéssemos em um contexto corporativo esse liderado seria demitido. Não há espaço para funcionários nota 7 quando se leva em conta a competitividade e a sobrevivência da empresa. Agora, será a Igreja menos importante do que a empresa? Os valores materiais são mais importantes do que os espirituais? Será o padrão mais importante do que Deus? Na teoria temos resposta a tudo isso. Falamos em alto e bom som: "Deus merece o melhor." Porém na prática acabamos nos contentando com o liderado nota 7. Não seria o caso de demitirmos um liderado assim? Ou pelo menos incentivá-lo, dando-lhe um prazo para alcançar uma nota mais alta?

Quebrar a cultura do aluno ou líder nota 7 não é fácil. Esbarro nisso todos os dias. Tenho a impressão de que alguns líderes ou liderados se apegaram tanto à nota 7 que fizeram dela a melhor nota. Não se esforçam mais. Não há brilho naquilo que fazem. Não esperam nem de si e nem dos outros mais do que o mínimo. Mas, sinceramente, não desisto! Não quero ser um aluno, pai, professor, pastor, líder, esposo ou cidadão nota 7. Não quero me acostumar à nota tão comum. E não desejo isso para minha equipe também. Creio que as pessoas podem dar muito mais. Podem fazer melhor. Podem se esforçar.

Qual é a sua nota? Você faz parte dos que se contentam com o mínimo ou seu objetivo é o máximo? O aluno que tira a nota 10 com certeza estudou mais. Dormiu menos que os colegas e assistiu menos filmes. Ficou menos horas diante do computador e jogou menos partidas de futebol. Por certo esse aluno namorou menos, ficou um período menor trocando conversa furada. O segredo da nota 10 está no fato de que ele estudou mais. Sacrificou-se. Investiu seu tempo de forma diferenciada. Aprendeu a 'curtir a vida' levando em conta que não é apenas a diversão mas também a formação que lhe darão no futuro a real expectativa de aproveitar os dias.

Se queremos nota 10 precisamos mudar nossa mentalidade e nossos costumes. Precisamos reordenar o tempo. E sobretudo, precisamos criar uma nova cultura onde o máximo e não o mínimo será nosso objetivo. Essa cultura precisa ser espalhada pelos liderados e por fim para toda a Igreja. Só assim teremos condição de agradar verdadeiramente aquele que nos deu o máximo e não o mínimo – O Senhor Jesus Cristo.

Que nossa nota nesse dia seja um brilhante, excelente, maravilhoso e honroso 10!

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez

Pastor Titular da Igreja Batista Betel

